

MULHERES, MUDANDO DE LUGAR?

Um estudo acerca das relações de gênero e trabalho no âmbito da construção civil em Fortaleza – CE

Mayra Rachel da Silva¹

RESUMO

Este estudo se propõe investigar a crescente participação feminina como mão de obra na construção civil, espaço tradicionalmente destinado a homens. Apreender os motivos que permeiam tal mudança, bem como compreender o significado e as repercussões desse processo para ambos os sexos e para os costumes de nossa sociedade, na perspectiva de dar subsídios à implementação de políticas públicas que visam o enfrentamento às desigualdades de gênero, que tem como um de seus reflexos a divisão sexual do trabalho, é o objetivo principal da pesquisa proposta.

Palavras-chave: Gênero; Trabalho; Políticas Públicas

ABSTRACT

This study aims to investigate the growing participation of women as labor in construction, space traditionally assigned to men. Seize the reasons that underlie this change, as well as understanding the meaning and implications of this process for both sexes and for the customs of our society, from the perspective of giving subsidies to the implementation of public policies aimed at confronting gender inequalities, which has as one of its effects the sexual division of labor is the main objective of the research proposal.

Keywords: Gender, Labor, Public Policy

¹ Estudante de Pós-graduação. Universidade Estadual do Ceará (UECE). rachelsilva-ce@hotmail.com



I-INTRODUÇÃO

No Brasil, a inserção das mulheres no mercado de trabalho se deu a partir de meados dos anos de 1970, entretanto, o trabalho doméstico e a divisão sexual do trabalho influenciam e, muitas vezes, definem os lugares que devem ser ocupados pelas mulheres no mercado de trabalho; nesta perspectiva, de acordo com Pessoa e Viana (2008), a segregação no mercado de trabalho capitalista destinou às mulheres empregos e condições de trabalho mais precarizadas, reforçando o caráter de complementaridade entre trabalho profissional e suas “responsabilidades” domésticas, reafirmando, desta forma, a concretização do patriarcalismo.

Todavia, pesquisas apontam que as atividades na construção civil, consideradas tradicionalmente masculinas, estão sendo ocupadas crescentemente por mulheres; inclusive, dados do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE (2010) mostram que, no Brasil, o número de mulheres na construção civil cresceu 65% em uma década.

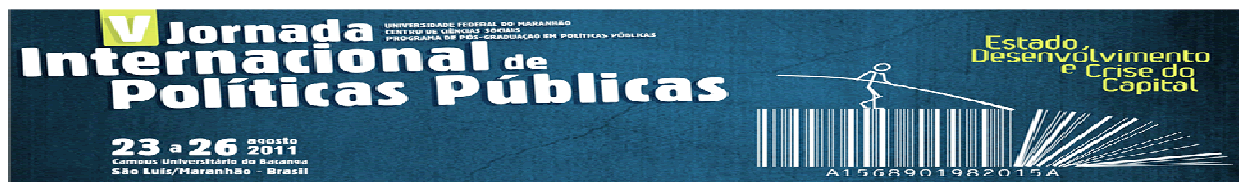
Nesta perspectiva, a referida investigação pretende compreender como essas mudanças no âmbito das relações de gênero e trabalho tem refletido na vida pública e privada das mulheres envolvidas nesse processo, a fim de orientar a implementação de políticas públicas que visam combater as desigualdades de gênero, inclusive nas relações de trabalho, e promover a inserção das mulheres no mercado de trabalho.

II-PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

No intuito de atingir o objetivo principal da pesquisa proposto - pesquisar e analisar os diversos aspectos das relações de gênero e trabalho que permeiam o trabalho de homens e mulheres na construção civil em Fortaleza- Ceará, adotamos o procedimento metodológico especificado a seguir.

Inicialmente, estamos tratando do desdobramento teórico das categorias e concepções que envolvem o objeto de estudo. Para tanto, é conveniente analisar a categoria gênero, com enfoque para as perspectivas dos principais teóricos desta temática, buscando apresentar os pontos comuns e de divergências entre as construções teóricas de gênero.

Nesse sentido, será destacada a concepção de gênero proposta por Scott (1990). Para ela, o conceito gênero possui duas partes e várias sub-partes que se



encontram interligadas. A primeira parte refere-se à idéia de que *o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças que distinguem os sexos*; segunda parte: *o gênero é uma forma primária de relações significantes de poder* (SCOTT, 1997, p.289).

Serão também apresentadas as concepções de gênero de outros (as) estudiosos (as), como a interpretação de Saffioti (1992). Esta entende que a construção dos gêneros se dá através da dinâmica das relações sociais, não se trata de perceber apenas corpos que entram em relação com outros. É a totalidade formada pelo corpo, pelo intelecto, pela emoção, pelo caráter do EU, que entra em relação com o outro. Cada ser humano é a história de suas relações sociais, marcadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia.

A estudiosa mencionada no parágrafo anterior defende a idéia do uso simultâneo do conceito de gênero e patriarcado, pois, segundo a mesma, o patriarcado está *no coração da engrenagem exploração - dominação* (SAFFIOTI, 2004, p. 88).

Serão abordadas questões referentes à desigualdade de gênero que se manifestam através de diversas formas, inclusive por meio da divisão sexual do trabalho. Esta, por sua vez, contextualiza-se como anterior à Revolução Industrial, todavia foi na sociedade capitalista que a mesma se reorganizou e se intensificou, tendo como fator fundamental o domínio do trabalho-mercadoria, em que aos homens coube o desenvolvimento das tarefas produtivas e remuneradas, a vida política e o mundo da cientificidade e cultura.

Puleo (1999) aponta a emersão da desigualdade entre os sexos a partir da diferenciação das tarefas femininas e masculinas, onde há uma valorização do trabalho produtivo e desvalorização do trabalho reprodutivo, este geralmente associado às mulheres.

É necessário, nesta perspectiva, evidenciar o papel do poder público enquanto proponente de políticas de combate às desigualdades sociais, incorporando, inclusive, o viés de gênero, alterando as relações de poder e viabilizando o acesso a direitos sociais e políticos, desta forma, Ferreira (2004) destaca a importância de institucionalização de alguns organismos, tais como: Coordenadorias da Mulher, Secretarias de Políticas Públicas para Mulheres, a fim de articular políticas, bem como, ações permanentes visando a construção de um Estado democrático, também, na perspectiva de gênero.



Todavia é necessário distinguir os programas que têm enquanto alvo principal as mulheres dos programas que possuem uma perspectiva de gênero ou de enfrentamento às desigualdades de gênero. Para Carloto(2004), a incorporação do viés de gênero em um programa implica:

(...) em indicadores que demonstrem a ocorrência de transformações na divisão do trabalho doméstico; se as meninas na família deixaram de ser responsáveis pelo trabalho doméstico e cuidado com irmãos menores; se a violência doméstica diminuiu; se elas possibilitaram o acesso ao trabalho não-precarizado; propiciou-se a complementação da escolarização; se viabilizou um cuidado com a saúde sexual e reprodutiva; se contribuiu para sua autonomia e recuperação da auto-estima; se diminuiu o estresse e a depressão, entre outros indicadores (CARLOTO, 2004, p. 152).

Fica clara, portanto, através da exposição, a necessidade de políticas que visem à democratização das relações cotidianas de gênero, que combatam os preconceitos e as estereotipagens direcionadas a homens e mulheres, que, principalmente, promovam condições para o exercício da cidadania feminina.

Vale destacar, que será no cotidiano que as categorias que fundamentam a abordagem da problemática serão sistematizadas, contudo, não objetiva-se neste trabalho abarcar todos os aspectos relacionados ao cotidiano, mas tomamos como importante assinalar sua existência, pois, em parte, o cotidiano favorece a naturalização da desigualdade de gênero, uma vez que, segundo Soares (2002), o cotidiano leva à rotina, ele habitua e normatiza, regula e regulamentam a vida social, eterniza e naturaliza regras, engessando a possibilidade de mudança por parte do humano.

Em relação à coleta de dados, realizaremos entrevistas com homens e mulheres que trabalham na construção civil. Para tal fim, recorreremos ao Sindicato dos Trabalhadores (as) da Construção Civil de Fortaleza e Região Metropolitana e ao Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Ceará para viabilização do contato com esses trabalhadores(as) e, conseqüentemente, a obtenção da entrevista, que se dará a partir de um roteiro semi-estruturado.

Ainda em relação à obtenção de dados, realizaremos as entrevistas com roteiro semi-estruturado, a fim de que o diálogo entre a pesquisadora e as entrevistadas (os) aconteça de forma fluente, mas sem a perda dos objetivos da pesquisa.

No que concerne ao tipo de instrumento utilizado, Triviños (1994) relata que (...) *o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de*



suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo de pesquisa (TRIVIÑOS, 1994, p. 146).

O autor em discussão refere-se ao roteiro semi-estruturado como importante para (...) *o pesquisador qualitativo, que considera a participação do sujeito como um dos elementos de seu fazer científico, apóia-se em técnicas e métodos que reúnem características sui generis, que ressaltam sua implicação e da pessoa que fornece as informações* (TRIVIÑOS, 1994, p. 138).

Traçaremos, ainda, o perfil das trabalhadoras, abordando algumas variáveis, tais como: idade, escolaridade, profissão, renda familiar, renda pessoal, pessoa de referência da família, etc.

Portanto, fica claro que se trata de uma pesquisa qualitativa, teórica e interpretativa, cujos dados coletados serão analisados e interpretados sob a luz do marco teórico norteador da pesquisa. Neste sentido, todo o processo de investigação resultará do esforço de coletar dados objetivos, subjetivos e, também, bibliográficos para a construção do conhecimento almejado.

III-CONCLUSÕES

A divisão sexual do trabalho contextualiza-se como anterior à Revolução Industrial, todavia foi na sociedade capitalista que a mesma se reorganizou e se intensificou, tendo como fator fundamental o domínio do trabalho-mercadoria, em que aos homens coube o desenvolvimento das tarefas produtivas e remuneradas, a vida política e o mundo da cientificidade e cultura. Às mulheres ficaram destinadas as esferas privadas, domésticas, tidas como secundárias e de pouca relevância.

Todavia, aos poucos, as mulheres vão ampliando seu espaço na economia brasileira. O fenômeno ainda é lento, mas constante e progressivo, contudo é necessário evidenciar que essa inserção feminina no mundo do trabalho vem sendo acompanhada, ao longo dos anos, por elevado grau de discriminação evidenciado, até mesmo, pela forte presença das mulheres nas atividades domésticas e no trabalho informal e precário.

Entretanto, no Brasil, destaque para a capital do Ceará, percebe-se um aumento na inserção de mulheres em atividades profissionais culturalmente destinadas aos homens, como por exemplo, a contratação de mulheres para atuar no



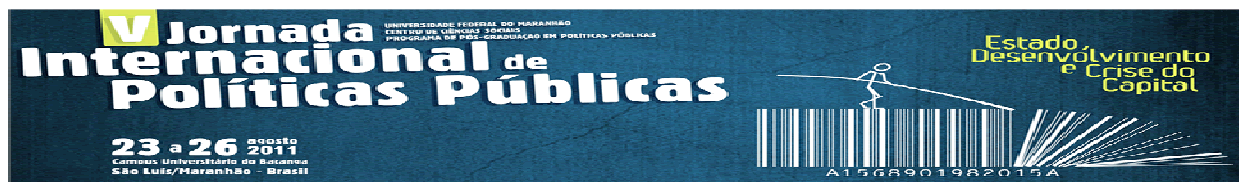
ramo da construção civil. Percebe-se que tal prática vem sendo incentivada por algumas esferas do Poder Público, como é o caso de Fortaleza-Ce que, em 2007, executou o Programa Mulheres Pedreiras, pelo qual foram capacitadas 180 mulheres para trabalhar na construção civil; vale salientar que grupos de mulheres capacitadas pelo referido projeto já trabalharam em obras de conjuntos habitacionais da Prefeitura de Fortaleza, como o Anita Garibaldi. Atualmente, dez mulheres pedreiras trabalham nas obras do Hospital da Mulher de Fortaleza - Ce.

Outra iniciativa de relevância que visa promover a inserção de mulheres em atividades da construção civil, refere-se ao Projeto Mão na Massa desenvolvido no Rio de Janeiro, que, a partir de um diagnóstico realizado numa comunidade da referida cidade, Complexo do Jacarezinho, detectou que 50% de 216 entrevistadas tinham interesse em trabalhar na construção civil, criou-se, a partir da demanda verificada, em 2007, um projeto para qualificar mulheres em situação de vulnerabilidade social para o referido ramo de trabalho – construção civil.

Dentre os resultados obtidos pelo Projeto supracitado, até abril de 2010, pode-se destacar que 70% das 210 formadas trabalham em empresas da construção civil ou geram renda executando serviços para terceiros; 10% das participantes voltaram a estudar; 71 postos de trabalho foram ocupados por mulheres nas obras do PAC no Complexo do Alemão; 8 construtoras da cidade incluíram mulheres em seu quadro de funcionários, em postos de trabalho que anteriormente empregavam apenas homens.

Ressalta-se, ainda, que o Governo Federal, por meio de ações complementares, incentiva a inserção de mulheres e homens beneficiários do Programa Bolsa Família em cursos profissionalizantes voltados para atender às demandas da construção civil – Programa Próximo Passo.

Outro aspecto que confirma a crescente inserção das mulheres na construção civil refere-se aos dados do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE (2010). Estes indicam que, em uma década, no Brasil, houve um aumento de 65% no número de trabalhadoras da construção civil, a saber: no ano de 2000, elas eram pouco mais de 83 mil entre 1,094 milhão de pessoas empregadas pelo setor; em 2008, esse número subiu para 137. 969; no primeiro bimestre deste ano, 5.258 mulheres conseguiram emprego na construção civil, ocupando 5,9% das vagas geradas no setor nesse período, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - CAGED (2010).



Em Fortaleza, em média, 250 mulheres estão sindicalizadas no Sindicato de Trabalhadores da Construção Civil, de acordo com dados do próprio sindicato.

Portanto, fica evidente a necessidade de pesquisas que ajudem na compreensão dessas novas configurações que se apresentam ao mundo do trabalho, a fim de que a relação trabalho e gênero, na perspectiva de superação da divisão sexual do trabalho, se transforme, cada vez mais, numa preocupação e demanda de Políticas Públicas para os Governos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi (orgs). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL. *Ministério do Trabalho e Emprego*. Núcleos de promoção de igualdade de oportunidades e de combate à discriminação no trabalho. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego/Assessoria Internacional, 2003, p. 23-24.

BRUSCHINI, Cristina. Apresentação. In: BRUSCHINI, Cristina; ARDAILLON, Danielle; UNBEHAUM, Sandra G. *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998, p. 7-9.

CARLOTO, Cássia. Ruptura ou reforço da dominação: gênero em perspectiva. In: GODINHO, Tatau; SILVEIRA, Maria Lúcia da (orgs.). *Políticas públicas e igualdade de gênero*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004, p.149-156.

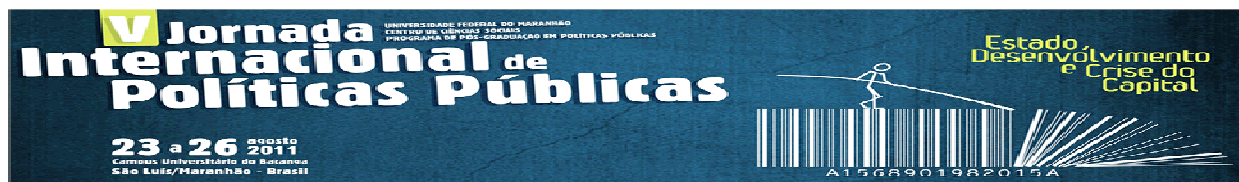
FERREIRA, Virgínia. A globalização das políticas de igualdade entre os sexos: do reformismo social ao reformismo estatal. In: GODINHO, Tatau; SILVEIRA, Maria Lúcia da (orgs.). *Políticas públicas e igualdade de gênero*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004, p.77-102.

FROTA, Maria Helena de Paula. *Mulheres e homens na linha de produção: quando as relações de trabalho e gênero se entrecruzam* - Um estudo comparativo realizado na Cooperativa dos Produtores de Confecções de Acarape Ltda. Fortaleza: 2004.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

KERGOAT, Danièle. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D.E.; WALDOW, V.R. (Orgs.). *Gênero e saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

OLIVEIRA, Zuleica Lopes C.. A provisão da família: redefinição ou manutenção dos papéis? In: ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi (Orgs). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p.123-148.



PULEO, Alicia H. *Filosofia, gênero y pensamiento crítico*. Série Filosofia. Espanha: Universidad de Valladolid, 1999.

_____. Filosofia e gênero: da memória do passado ao projeto do futuro. In: Godinho, Tatau; Silveira, Maria Lúcia da (orgs.). *Políticas públicas e igualdade de gênero*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004, p 13-34.

SAFFIOTI, H.I.B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.O. ; BRUSCHINI, C. (Orgs.) *Uma Questão de gênero*. São Paulo; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SCOTT, Joan W. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos dos homens*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.

_____. Género: una categoría útil para los estudios históricos? In: LAMAS, M. (Org.). *El género: la construcción cultural de la diferencia sexual*. Cidade do México: PUEG, 1997, p.265-302.

_____. O gênero como uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, n.2, 1990.

SOARES, Ana C. Nassif. *Mulheres chefes de família: narrativa e percurso ideológico*. Franca: UNESP-FHDSS, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1994.